

TRANSLINGUAGEM, DESCORTESIA E REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA EM ÉLITE (2018): UMA ANÁLISE MULTIMODAL DA DUBLAGEM

Emanuel Felipe Maluf Moreira¹

Johana Pardo²

Sabrina Moraes Antonio³

RESUMO

Este artigo objetiva investigar o papel da translanguagem na construção da descortesia e na representação identitária em produtos audiovisuais, com foco na série *Élite* (2018). A partir de uma abordagem multimodal, fundamentada em Mondada (2018, 2022), e no modelo de descortesia de Culpeper (1996, 2017), examina-se uma cena do primeiro episódio em que há alternância entre inglês e espanhol, na qual o sarcasmo emerge como um recurso central na interação. Os resultados indicam que a translanguagem, embora não constitua uma estratégia de descortesia em si, atua como um recurso discursivo que intensifica ataques à imagem social e contribui para a construção de identidades sociais marcadas por distinções de classe e capital linguístico, no contexto analisado. Além disso, a análise evidencia que a dimensão multimodal, incluindo gestos, expressões faciais e enquadramentos, desempenha um papel central na construção de sentido e na produção da descortesia. No âmbito da tradução audiovisual, observa-se que as escolhas tradutórias reconfiguram tais efeitos, especialmente na dublagem em inglês, na qual a substituição do espanhol pelo francês atenua marcadores identitários e produz um efeito de domesticação da personagem.

PALAVRAS-CHAVE

Translanguagem; Descortesia; Tradução Audiovisual.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar el papel del translenguaje en la construcción de la descortesía y en la representación identitaria en productos audiovisuales, con foco en la serie *Élite* (2018). A partir de un abordaje multimodal, fundamentado en Mondada (2018, 2022) y en el modelo de descortesía de Culpeper (1996, 2017), se examina una escena del primer episodio en la que se alterna entre inglés y español, y en la que el sarcasmo emerge como un recurso central en la interacción. Los resultados indican que el translenguaje, aunque no constituye una estrategia de descortesía en sí mismo, actúa como un recurso discursivo que intensifica los ataques a la imagen social y contribuye a la construcción de identidades sociales marcadas por distinciones de clase y capital lingüístico, en el contexto analizado. Además, el análisis evidencia que la dimensión multimodal, incluidos los gestos, las expresiones faciales y los encuadres, desempeña un papel central en la construcción de sentido y en la producción de la descortesía. En el ámbito

¹ Graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: emanuel.felipe@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5803-9935>

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Neolatinas, Faculdade de Letras E-mail: johanapardo@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8714-0780>

³ Mestra em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: sabrinamoraesantonio@letras.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6539-2276>.

de la traducción audiovisual, se observa que las soluciones traductoras reconfiguran dichos efectos, especialmente en el doblaje al inglés, en el que la sustitución del español por el francés atenúa los marcadores identitarios y produce un efecto de domesticación del personaje.

PALABRAS CLAVE

Translenguaje; Descortesía; Traducción Audiovisual.

ABSTRACT

This article examines the role of translanguaging in the construction of impoliteness and identity indexing in audiovisual products, focusing on the series *Élite* (2018). Drawing on a multimodal approach (Mondada, 2018, 2022) and Culpeper's (1996, 2017) impoliteness model, the study analyzes a scene from the first episode in which English and Spanish alternate, and sarcasm emerges as a central interactional resource. The findings indicate that translanguaging, while not an impoliteness strategy per se, functions as a discursive resource that intensifies face-threatening acts and contributes to the construction of social identities marked by class distinctions and linguistic capital, in the context analyzed. Furthermore, the analysis shows that the multimodal dimension, including gestures, facial expressions, and framing, plays a central role in meaning-making and in the production of impoliteness. In the context of audiovisual translation, it is observed that translation choices reconfigure these effects, particularly in the English dubbing, where the replacement of Spanish with French attenuates identity markers and produces a domestication effect on the character.

KEYWORDS

Translanguaging; Impoliteness; Audiovisual Translation.

INTRODUÇÃO

As produções audiovisuais contemporâneas têm sido espaços para observar, de maneira cada vez mais recorrente, a presença de práticas linguísticas híbridas que refletem a diversidade cultural e os repertórios multilíngues de seus personagens. Nesse contexto, a translanguagem e a alternância de códigos deixam de constituir apenas recursos comunicativos para desempenhar funções discursivas e identitárias, contribuindo para a construção de relações interpessoais, de posicionamentos sociais e de efeitos pragmáticos, como a ironia, o sarcasmo e a descortesia. A análise dessas estratégias torna-se relevante em narrativas audiovisuais, nas quais elementos multimodais atuam integradamente na produção de sentidos.

Em narrativas audiovisuais, esse fenômeno frequentemente se articula a outros mecanismos discursivos, como a ironia, o sarcasmo e a descortesia, ampliando as possibilidades de construção de sentidos e de caracterização dos participantes da interação. Essa associação auxilia na pesquisa da forma como os personagens mobilizam repertórios linguísticos para expressar posicionamentos, desafiar normas de convivência, negociar relações interpessoais e reafirmar ou contestar estruturas de poder. Com isso, é

necessário realizar uma análise que articule aspectos multimodais a fim de compreender a complexidade da significação em produtos audiovisuais. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar de que modo a translinguagem se articula ao sarcasmo como estratégia de descortesia e como essa articulação participa da representação identitária da personagem Lucrécia na série *Élite* (2018). Para alcançar esse objetivo, examinamos como os recursos verbais, visuais e prosódicos contribuem para a produção desses efeitos de sentido e como as escolhas realizadas na dublagem reconfiguram os marcadores linguísticos e identitários presentes no texto-fonte.

Organizamos este artigo em três seções principais. Na primeira, apresentamos as ferramentas teóricas que sustentam a análise, com destaque para os conceitos de ironia, translinguagem e alternância de códigos, bem como suas implicações para a construção de sentidos em contextos multilíngues. Na segunda seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados, incluindo a análise multimodal das pistas verbais e visuais, a classificação dos atos de fala e o uso do modelo de descortesia de Culpeper, articulado às fórmulas convencionalizadas e ao encadeamento dos turnos de fala. Por fim, na terceira seção, desenvolvemos a análise do corpus, focalizando uma cena da série *Élite* (2018), na qual examinamos como a translinguagem se articula com o sarcasmo e a descortesia, contribuindo para a indexação identitária e para a construção de relações de poder na interação audiovisual.

1 Ferramentas teóricas

Nesta seção, revisamos os principais aportes teóricos que fundamentam a análise desenvolvida posteriormente.

1.1 Entre a translinguagem e alternância de códigos

Nas produções audiovisuais, é comum a circulação de práticas linguísticas como a alternância de código ou a translinguagem. Estes recursos emergem como forma de representação de realidades multilíngues e de identidades culturais híbridas, jogando um papel central na construção das narrativas (Heiss, 2004, p. 208; Corrius, Zabalbeascoa, 2019, p. 73). Essas práticas frequentemente colocam em interação múltiplas dimensões identitárias, como classe, gênero e raça, representadas de maneira interseccional com a intenção de refletir a complexidade das experiências sociais e culturais do mundo contemporâneo. Embora ambos os conceitos, translinguagem e alternância de códigos, sejam frequentemente vistos como complementares, eles possuem diferenças que

influenciam na análise linguística e nos processos de tradução audiovisual.

Deste modo, o *code switching* refere-se à alternância entre dois ou mais idiomas em uma mesma interação, e é geralmente estudado a partir de funções específicas, como expressar emoção e proximidade, estabelecer exclusão ou reforçar hierarquias sociais. Essa prática parte da premissa de que cada língua opera como um sistema linguístico separado. De acordo com Poplack (2001), trata-se da mistura, por parte de sujeitos multilíngues, de duas ou mais línguas no discurso, sem que haja necessariamente mudança de tema ou de interlocutor. Essa alternância pode ocorrer em diferentes níveis da estrutura linguística, desde palavras isoladas até constituintes ou sentenças completas.

Poplack (2018) destaca, ainda, que uma das características do *code-switching* é a inserção intermitente de segmentos linguísticos que mantêm certa consistência com a gramática da língua de origem dos falantes, o que permite diferenciá-lo de fenômenos como os empréstimos, já incorporados à gramática da língua receptora. Nessa perspectiva, a alternância de códigos costuma ser analisada a partir de funções discursivas específicas, como expressar emoção, produzir proximidade, estabelecer exclusão, marcar pertencimentos ou reforçar hierarquias sociais. Essa abordagem, contudo, parte frequentemente da premissa de que cada língua opera como um sistema relativamente separado. Embora essa perspectiva tenha contribuído significativamente para a compreensão das práticas multilíngues, ela tende a conceber as línguas como sistemas relativamente autônomos entre os quais os falantes alternam. Essa concepção vem sendo questionada por autores da perspectiva da translanguagem, que propõem compreender as práticas linguísticas dos sujeitos multilíngues como mobilização de um repertório integrado de recursos linguísticos e semióticos.

No campo dos estudos sobre descortesia, Badarneh, Al-Momani e Migdadi (2017) investigam o uso da alternância para o inglês em interações em árabe jordaniano, mostrando que o *code-switching* pode funcionar como recurso para produzir ataques à imagem social. No contexto analisado pelos autores, o inglês aparece associado a prestígio, escolarização e capital linguístico, o que permite que sua inserção nas conversas seja mobilizada para ridicularizar, excluir, desautorizar ou marcar distância em relação ao interlocutor. A alternância de códigos, nesse caso, não atua apenas como fenômeno linguístico, mas como prática social atravessada por relações de poder, *status* e identidade. Essa discussão é relevante para a presente pesquisa porque demonstra que práticas multilíngues, como a alternância entre o espanhol e o inglês na fala da personagem

Lucrécia, podem constituir recursos de produção da descortesia. Entretanto, diferentemente da perspectiva adotada por Badarneh, Al-Momani e Migdadi (2017), neste trabalho, interpretamos essas práticas a partir do referencial da translinguagem, por entendermos que a personagem mobiliza um repertório integrado de recursos linguísticos e semióticos, e não apenas alterna entre códigos previamente delimitados.

Em contraste com o *code switching*, a translinguagem transcende a simples alternância, tratando os idiomas como parte de um repertório linguístico único e integrado, onde coexistem de maneira dinâmica para refletir identidades híbridas e realidades culturais. Enquanto o *code switching* se concentra em mudanças pontuais de idioma, a translinguagem amplia o escopo ao incorporar dimensões linguísticas, culturais e multimodais (García; Wei, 2014; Gumperz, 1982). Dessa forma, a perspectiva translíngue permite compreender como diferentes modos de significação atuam conjuntamente na produção de efeitos discursivos e na representação de identidades em contextos multilíngues.

Neste artigo, então, optamos pelo enfoque da translinguagem por sua capacidade de abarcar um repertório comunicativo mais amplo e complexo, o que a torna uma ferramenta analítica mais abrangente para o estudo de narrativas bilíngues e multilíngues. Essa perspectiva mostra-se produtiva no âmbito da tradução audiovisual, na qual a preservação de identidades culturais, a recriação de marcas sociolinguísticas e a adaptação de práticas linguísticas colocam desafios significativos para a construção de sentido. Um exemplo prático é o caso em que o texto-fonte alterna entre inglês e espanhol, mas o texto-meta, traduzido inteiramente para o espanhol, elimina os elementos constitutivos das identidades centrais para a narrativa. A partir dessa perspectiva, passamos a compreender a translinguagem não apenas como um fenômeno sociolinguístico, mas como um desafio central para a tradução audiovisual.

O foco recai sobre as dificuldades de adaptar práticas linguísticas híbridas, especialmente em contextos bilíngues, quando essas práticas funcionam como recurso narrativo estruturante no texto-fonte. Ao serem vertidas para um idioma homogêneo no texto-meta, tais marcas de hibridismo tendem a ser neutralizadas, o que pode implicar apagamentos simbólicos e reconfigurações identitárias. Nesse sentido, o estudo busca identificar os impactos dessa transformação, analisando em que medida a homogeneização linguística compromete a preservação das identidades culturais inscritas na obra original.

A descrição da alternância entre espanhol e inglês na cena constitui apenas um

ponto de partida analítico. O foco deste estudo, contudo, não recai sobre a identificação de fronteiras entre línguas, mas sobre a forma como a personagem mobiliza diferentes recursos linguísticos e semióticos para construir sentidos, produzir descortesia e indexar posições sociais. Por essa razão, adotamos, na sequência, a perspectiva da translanguagem.

1.2 Ironia, implicatura e produção da descortesia

Na análise das cenas selecionadas, utilizamos o conceito de translanguagem como um recurso para produzir ironia. Então, consideramos a ironia não só como o oposto daquilo que o falante quer dizer, mas também a partir do conceito de Implicatura de Grice, que se tem aprofundado na conceitualização por afirmar que surge quando um falante opta por violar a máxima conversacional da Qualidade “seja verdadeiro” (Grice, 1989; MAUCHAND et al., 2019, p. 2). Podemos conceituar que a comunicação irônica se refere ao momento em que o falante fala intencionalmente o oposto ou o diferente ao conteúdo linguístico expresso. Dessa forma, o falante assume um papel explicitamente não genuíno e este ato faz referência ecoica para apontar a falsidade/ridículo de uma ideia ou uma situação. Esta divergência é sinalizada ao ouvinte por meio de pistas contextuais, visuais ou vocais, como são os gestos ou tom de voz que indicam que aquilo que foi dito não corresponde com o conteúdo literal das palavras.

As funções da ironia nas interações podem ser variadas, uma vez que ela pode tanto mitigar o impacto de uma crítica quanto intensificar ataques à imagem social. Além disso, pode ser utilizada para provocar humor e/ou para construir e fortalecer vínculos sociais, a partir do compartilhamento de uma compreensão mútua de subtextos nas interações, contribuindo, assim, para relações de solidariedade. Em síntese, neste trabalho adotamos a perspectiva de Wilson (2017), que considera que a ironia não se reduz a uma simples contradição entre o que é dito e o que se quer comunicar, como frequentemente definido pelo senso comum. Segundo o autor, o falante atribui uma crença, expectativa ou norma a outras pessoas e expressa, em relação a essa atribuição, uma atitude crítica, muitas vezes zombeteira e até mesmo depreciativa. A ironia, nesse sentido, incide sobre o desvio de expectativas socialmente compartilhadas e costuma ser acompanhada por marcas prosódicas específicas.

Assim, como a ironia pode ter várias funções que impactam na construção das narrativas, analisamos o trabalho de K. Al-Momani, MA Badarneh, F. Migdadi (2017), que

propõe entender o uso de duas línguas e suas funções em contextos de conflito. Neste texto, opta-se por denominar o fenômeno como *code switching* e se define como uma prática linguística que vai além da comunicação e carrega também significados sociais, políticos e identitários, influenciando nas interações entre os falantes. Entre essas funções, destaca-se a alternância como um fator gerador de tensões, especialmente no caso de estudo analisado no texto, no qual o inglês é percebido como um símbolo de *status* e poder, associado ao capital linguístico e à distinção social, apontam os autores.

Como já mencionamos, para analisar o uso de mais de duas línguas, utilizamos a lente do *translanguaging*. No entanto, concordamos com Leandro Rodrigues Alves Diniz et al. (2024, p. 20) ao apontarem que existem termos similares compatíveis com o conceito de translinguagem:

Todos esses termos – codemeshing, multiletramentos, continua de biletamento, bilinguismo dinâmico e pluriletramento, plurilinguismo, repertório linguístico, bilinguajamento, entre outros –, ainda que não plenamente compatíveis com o conceito de translinguagem, têm em comum com esse último uma perspectiva pós-estruturalista, de acordo com a qual uma língua não é um sistema abstrato de estruturas, nem unicamente uma obra da cognição humana, mas está intrinsecamente ligada a práticas sociais (Diniz et al., 2024, p. 20).

Não obstante, consideramos ainda mais adequado denominar o fenômeno como translinguagem, pois esta perspectiva postula que, em vez de possuir dois ou mais sistemas linguísticos autônomos, como se acreditava tradicionalmente, os bilíngues, ou multilíngues e, de fato, todos os usuários de uma língua, selecionam e utilizam características particulares de um repertório linguístico unitário para criar significado e negociar contextos comunicativos específicos. Com isso, são aspectos que não poderiam ser abordados a partir de enfoques mais tradicionais que veem as línguas como separadas e isoladas.

1.3 Identidade, indexicalidade e descortesia

Para compreender a relação entre descortesia e representação identitária, partimos da premissa de que a identidade não deve ser entendida como uma propriedade fixa, anterior ou estável dos sujeitos/personagens, mas como um efeito discursivo e semiótico produzido na interação. Conforme Garcés-Conejos Blitvich e Sifianou (2017), a identidade é um fenômeno sociocultural, relacional e discursivo, que emerge em contextos locais de interação e não pode ser reduzido a uma estrutura psicológica individual. Desse modo, categorias como classe, gênero, raça, etnicidade e pertencimento social são negociadas discursivamente e podem ser reforçadas, contestadas ou reconfiguradas nas práticas

semióticas observadas. A noção de indexicalidade é central para essa discussão, ao permitir observar como determinados recursos linguísticos, vocais, corporais e visuais apontam para significados sociais mais amplos.

A compreensão da identidade como construção discursiva aproxima-se das contribuições da raciolinguística, que permite compreender como língua e raça são historicamente coproduzidas, isto é, como determinados modos de falar passam a ser percebidos como índices de categorias racializadas. Rosa e Flores (2021) denominam esse processo de *enregisterment* raciolinguístico, por meio do qual formas linguísticas, padrões prosódicos, repertórios lexicais e modos de falar são associados a modelos identitários racializados. Nesse sentido, não se trata apenas de observar que certos grupos “falam de determinada maneira”, mas de analisar como ouvintes e instituições interpretam essas práticas linguísticas a partir de ideologias raciais previamente naturalizadas. Assim, determinadas línguas ou variedades podem ser ouvidas como menos legítimas, menos prestigiosas ou socialmente marcadas, mesmo quando seus falantes dominam repertórios complexos e plurilíngues.

Essa perspectiva permite compreender que os significados sociais atribuídos às práticas linguísticas não são estáveis, mas dependem dos contextos de circulação, das posições ocupadas pelos sujeitos e das ideologias que orientam sua interpretação. É nesse ponto que se insere a discussão proposta por Zavala (2025), ao analisar transformações recentes nas ideologias associadas ao quechua no Peru. Para a autora, a desracialização ocorre quando uma língua historicamente racializada passa a ser reposicionada como capital cultural em determinados corpos e contextos sociais, especialmente quando associada a discursos de multiculturalismo neoliberal, cosmopolitismo, mobilidade social e distinção. No entanto, esse processo não elimina a racialização da língua; ao contrário, revela sua distribuição desigual. O que pode funcionar como distinção positiva em corpos em processo de branqueamento ou em sujeitos urbanos de classe média pode continuar operando como marca de inferiorização quando associado a corpos lidos como indígenas, rurais ou subalternizados. Desse modo, a desracialização não significa ausência de raça, mas deslocamento parcial dos sentidos raciais associados a uma língua ou prática linguística. No campo da tradução audiovisual, essa reflexão permite analisar de que modo escolhas tradutórias podem conservar, deslocar ou neutralizar marcadores raciolinguísticos presentes no texto-fonte, reconfigurando os índices identitários associados às personagens e, conseqüentemente, os sentidos sociais produzidos na interação.

2 Metodologia

Como procedimento metodológico, adotamos uma análise multimodal, conforme proposta por Mondada (2018, 2022), a partir da qual realizamos dois tipos de análise: (i) análise de pistas verbais e (ii) análise de pistas visuais.

Pautamos a nossa análise de pistas verbais na classificação de atos de fala de Searle e Vanderveken (2005) e no Modelo de Descortesia de Culpeper (1996, 2017). Dessa forma, examinamos a materialidade verbal dos atos de fala e as estratégias utilizadas nas dublagens dos personagens, sintetizado na tabela 1.

Tabela 1 - Atos de fala segundo Searle e Vanderveken (2005)

Categoria	Definição / Propósito	Exemplos
Assertivos	Refere-se àqueles enunciados em que o falante expressa um conteúdo proposicional e se compromete com sua veracidade, de modo que podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos.	Afirmar, descrever, relatar, opinar, se gabar
Diretivos	Seu propósito ilocucionário consiste na tentativa do falante de induzir o ouvinte a realizar determinada ação.	Pedir, solicitar, requerer, rogar, suplicar, implorar.
Compromissivos ou Comissivos	São atos por meio dos quais o falante assume o compromisso de realizar uma ação no futuro.	Prometer, comprometer-se, assegurar, garantir, jurar, afirmar, oferecer,
Expressivos	O propósito ilocucionário consiste em manifestar um estado psicológico, definido no conteúdo proposicional.	Agradecer, pedir desculpas, felicitar, elogiar, lamentar, .
Declarativos	A execução bem-sucedida de um desses atos garante a correspondência entre o conteúdo proposicional e o estado do mundo.	Declarar, nomear, batizar, demitir, exonerar

Fonte: Adaptado pelos autores

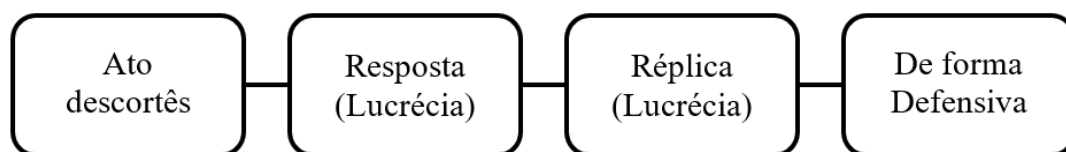
Para a realização da análise verbal, também utilizamos três ferramentas metodológicas (Culpeper, 2011), sendo as estratégias de descortesia, as fórmulas convencionalizadas e, por fim, o esquema de encadeamento dos turnos de fala. Em primeiro lugar, adotamos o modelo de descortesia proposto por Jonathan Culpeper (1996,

2017), que constitui uma abordagem teórica voltada à análise de ataques à imagem social (face) nas interações e que passou por revisões desde sua formulação inicial. Na versão revisada (Culpeper, 2017), a descortesia pode manifestar-se por meio de seis estratégias principais: (i) descortesia aberta e direta, quando o ataque à face é explícito e inequívoco; (ii) descortesia positiva, voltada ao ataque à face positiva por meio de práticas como ignorar, buscar o desacordo ou empregar linguagem ofensiva; (iii) descortesia negativa, que invade o território do interlocutor por meio de ridicularização, ameaça ou menosprezo; (iv) descortesia encoberta, realizada indiretamente, por meio de implicaturas; (v) ausência de cortesia, quando comportamentos esperados não se realizam; e (vi) sarcasmo ou cortesia fingida, em que formas aparentemente corteses são utilizadas de maneira insincera para atacar a face do outro.

Em segundo lugar, incorporamos ao modelo as fórmulas convencionais de descortesia, entendidas como expressões socialmente reconhecidas como ofensivas, tais como insultos personalizados, críticas, perguntas desafiantes, condescendência, silenciadores, rejeições, ameaças e maldições. Essa ampliação decorre do reconhecimento das limitações de um modelo centrado exclusivamente em estratégias e busca torná-lo mais abrangente e aplicável a diferentes contextos socioculturais, como demonstram estudos realizados em distintos cenários, a exemplo do México (Culpeper, 2011).

Por último, utilizamos o esquema de encadeamento de turnos como ferramenta metodológica para a análise dos atos de descortesia, partindo do pressuposto de que os ataques à imagem social não se constroem em um único enunciado isolado. Assim, a cada identificação de um ato descortês, investigamos as respostas do interlocutor, perguntando se ele mobiliza outra estratégia de descortesia ou adota outro tipo de reação. Nesse sentido, recorremos ao modelo racionalista de possíveis respostas a atos de ameaça à imagem social proposto por Culpeper e Handaker (2017). A seguir, apresentamos o esquema de forma gráfica na Figura 1.

Figura 1 - Modelo de Sequência de Descortesia (Culpeper et al., 2003)



Fonte: elaboração dos autores

Para análise visual, utilizamos as convenções de transcrição multimodal propostas por Mondada (2018, 2022), que constituem um sistema minucioso voltado à representação

de fenômenos verbais e não verbais nas interações. No âmbito deste trabalho, tais convenções foram adaptadas e empregadas na análise visual de cenas da série *Élite*. Diferentemente das transcrições tradicionais, centradas exclusivamente na fala, a proposta de Mondada busca dar conta da complexidade da ação social, registrando precisamente múltiplos elementos que se articulam com a fala durante a interação, como gestos, olhares, posturas corporais, expressões faciais, uso de objetos, atividades silenciosas e até movimentos de câmera, em suma, todos os participantes e recursos envolvidos na cena.

Desse modo, o modelo de Mondada configura-se como um instrumento metodológico adequado para pesquisas que investigam fenômenos comunicativos multimodais em contextos audiovisuais. Para a análise visual, optamos, neste estudo, pelo uso de imagens extraídas dos dados em vídeo (capturas de tela) e por uma abordagem interpretativa de caráter holístico, conforme sugerido pela autora (Mondada, 2022, p. 4). Essa escolha metodológica visa compreender as interações em sua totalidade, em vez de analisar isoladamente os diferentes elementos que as compõem.

Tabela 2 - Convenções para a transcrição multimodal (Mondada, 2022)

Símbolo	Descrição
* *	As descrições de ações corporais são delimitadas entre dois asteriscos.
++	Dois símbolos idênticos (um por participante e por tipo de ação).
Δ Δ	Ações sincronizadas com trechos específicos da fala ou indicações de tempo.
-->	A ação descrita se estende por linhas subsequentes até encontrar o mesmo símbolo.
*--->	A ação descrita continua nas linhas seguintes
---->*	A ação continua até alcançar o símbolo correspondente.
>>	A ação começou antes do início do excerto.
--->>	A ação continua após o final do excerto.
.....	Preparação da ação.
----	O ápice da ação é atingido e mantido
»»»»	Retração da ação.

Fonte:

https://franzoestistik.philhist.unibas.ch/fileadmin/user_upload/franzoestistik/mondada_multimodal_conventions.pdf. (tradução dos autores)

Para a realização deste estudo, selecionamos como corpus uma cena audiovisual na qual a alternância de código e a ironia emergem como recursos discursivos centrais na

construção da descortesia. A cena pertence à série espanhola *Élite*, produzida pela Netflix, cuja narrativa se estrutura a partir do tensionamento entre jovens da elite econômica e estudantes bolsistas de origem popular em uma escola de prestígio. Nesse contexto, marcado por disputas simbólicas de classe, analisamos um diálogo do primeiro episódio da primeira temporada, no qual se observa uma sequência de atos de fala descorteses. Concentramos a análise, especificamente, em um turno da personagem Lucrécia Montesinos, no qual a alternância entre espanhol e inglês não atua apenas como recurso estilístico, mas como estratégia discursiva de indexação identitária e de demarcação de posições de poder.

Neste enquadramento, o sarcasmo presente na fala de Lucrécia opera como um mecanismo de afirmação de superioridade simbólica e de exclusão social, reforçando hierarquias de classe e produzindo distanciamento entre os interlocutores. Trata-se, portanto, de um recurso discursivo que não apenas intensifica a descortesia, mas também contribui para a manutenção e a reiteração de relações de poder já estabelecidas na narrativa.

A cena foi selecionada por apresentar, em um intervalo breve de interação, a convergência dos três fenômenos centrais investigados neste estudo: alternância linguística/translinguagem, sarcasmo como recurso de descortesia e marcação identitária por meio de recursos verbais, vocais e visuais. Trata-se, portanto, de um recorte de alta densidade analítica, no qual a articulação entre língua, voz, corpo, expressão facial e escolha tradutória permite observar como se produzem hierarquias sociais e identitárias em uma interação audiovisual específica. A seleção do excerto não se baseia em critérios de representatividade estatística ou narrativa da totalidade da série, mas em sua produtividade qualitativa para a análise microinteracional proposta.

Desse modo, não pretendemos generalizar os resultados para a série *Élite* na totalidade, nem afirmar que os efeitos observados se reproduzam da mesma forma em outras cenas ou temporadas. O objetivo é desenvolver uma análise situada de um excerto específico, compreendendo-o como um caso exemplar para discutir como recursos translinguísticos, sarcásticos, prosódicos, corporais e tradutórios participam da produção da descortesia e da indexação identitária. Assim, as conclusões apresentadas devem ser lidas como interpretações circunscritas ao corpus analisado, ainda que possam abrir caminhos para estudos futuros com corpora mais amplos.

3 A translinguagem como recurso discursivo na construção da descortesia e na representação identitária em *Élite* (2018)

Nesta seção, analisamos o sarcasmo em um ato de fala descortês da personagem Lucrécia Montesinos, da série *Élite* (2018), da Netflix. Investigamos de que modo a translinguagem se manifesta nesses atos de descortesia, não como uma estratégia em si, mas como um recurso discursivo que contribui para a sua realização e intensificação, além de participar da indexação identitária da personagem. A análise fundamenta-se no modelo de descortesia proposto por Culpeper (1996, 2017) e examina a ocorrência da alternância de turnos em inglês e espanhol no âmbito da tradução audiovisual da série.

A série espanhola *Élite* (2018) destaca-se como um drama juvenil que explora tensões sociais e econômicas na Espanha contemporânea. A trama tem início quando três adolescentes de origem operária recebem bolsas para estudar em Las Encinas, um colégio de elite frequentado pela alta sociedade espanhola, após um terremoto destruir sua antiga escola pública. Assim, a convivência forçada entre esses grupos desencadeia conflitos que evidenciam desigualdades estruturais de classe.

Esses conflitos, no entanto, não se restringem somente à narrativa, pois se manifestam também recorrentemente nas interações verbais entre os personagens. A linguagem passa a funcionar como um espaço no qual estratégias discursivas, como a descortesia, contribuem para a construção e a indexação de identidades sociais. Nesse sentido, *Élite* se torna um objeto empírico relevante para análises pragmáticas que investigam como a linguagem está presente em conflitos sociais.

Como uma das personagens centrais da elite espanhola, temos Lucrecia Montesinos, cujas ações refletem não apenas em sua posição social, mas também em suas práticas discursivas, como pretendemos demonstrar a seguir. A personagem utiliza a linguagem como uma ferramenta de poder, recorrendo com frequência ao sarcasmo, à ironia e estratégias de descortesia para afirmar seu *status* social.

Na cena analisada neste capítulo, Lucrécia e seu grupo de amigos conversam durante o intervalo das aulas sobre uma festa que ocorrerá em breve. Trata-se de uma interação na qual os participantes não possuem apenas um tema em comum, mas também uma mesma posição social relativamente estabelecida em seu meio. Christian, um dos novos alunos bolsistas, aproxima-se para tentar uma interação com os colegas, mas essa ação não provoca a reação que ele espera. Na tabela 3 a seguir, temos a transcrição do diálogo entre Christian e Lucrecia.

Tabela 3 – Transcrição da cena selecionada de Élite (2018)

TEMPORADA 1 - EPISÓDIO 1 "BIENVENIDOS"			
PERSONAGENS	PORTUGUÊS DO BRASIL	ESPAÑHOL DA ESPANHA	INGLÊS DOS ESTADOS UNIDOS
Chrístian	Que festa? Alguém falou de festa? Oi, eu sou o Chrístian	¿Qué fiesta? ¿Alguien ha dicho fiesta? ¡Hola! Soy Christian.	Party? Somebody say "party"? Hi, I'm Christian.
Lucrecia	Yes. Hello! Do you speak our language?	Yes. ¡Hello! Do you speak spanish?	Bonjour, parlez-vous anglais ?
Christian	Resposta não verbal		

Fonte: elaboração dos autores

Na transcrição do diálogo acima, temos um par adjacente desencadeado da seguinte maneira: a interação comunicativa tem início com um ato descortês de Christian, seguido por uma resposta de Lucrecia, que desencadeia uma réplica produzida ofensivamente (Culpeper, 1996; 2017).

No primeiro turno, Christian realiza um ato de descortesia negativa ao invadir o território de Lucrecia e de seu grupo, autoconvidando-se para o evento social. O ato descortês é respondido por Lucrecia mediante uma réplica realizada ofensivamente. A seguir, na Tabela 4, apresentamos a segmentação do turno de fala de Christian para a análise verbal.

Tabela 4 – Segmentação do turno de fala de Christian

Christian	PT-BR	Que festa? Alguém falou de festa? Oi, eu sou o Christian.
	ES-ES	¿Qué fiesta? ¿Alguien ha dicho fiesta? ¡Hola! Soy Christian.
	EN-EUA	Party? Somebody say "party"? Hi, I'm Christian.

Fonte: elaboração dos autores

Em sua fala, Christian apropria-se de uma informação que circulava exclusivamente no grupo e a transforma em uma forma de auto-inclusão na interação. Com base no modelo

Figura 2 - Fotograma 1 - Turno 1 - Christian



```
#silêncio#
#retorna olhar a GUS---#
```

Inglês dos Estados Unidos

Party? Somebody say "party"? Hi, I'm Christian.

01 CHR *Party*(.) Somebody say *party* Hi(.) I'm Christian.<<sorrindo>> <<creaky>>

```
*abre os braços*      *desvia o olhar para baixo---
                        reestabelece contato visual*
```

```
*apoia os braços sobre a mesa*
```

02 CAR %alterna o olhar entre CHR e grupo-----%

03 GUS +olha para CHR--+

```
+ri+
```

```
+retorna olhar para AND----+
```

04 AND #olha para CHR--#

```
#silêncio#
```

```
#retorna olhar a GUS---#
```

A análise visual do turno 1 indica que Christian procura se aproximar do grupo de maneira amigável, embora o faça em um espaço que não lhe pertence, isto é, o espaço físico e simbólico já ocupado pelos demais. As imagens demonstram que o personagem articula diferentes recursos multimodais que apontam para essa tentativa de cortesia. Christian abre os braços em um gesto amplo, sorri enquanto se aproxima e avança em direção à mesa, movimentos que sugerem uma tentativa de suavizar sua entrada. Ao apoiar os braços sobre a mesa, ele diminui a distância física em relação aos interlocutores, buscando uma inserção espacial que acompanhe a aproximação verbal que pretende estabelecer.

Apesar disso, não é bem recebido pelos colegas. Guzmán olha para ele, ri e afirma: “eu estava falando com meus amigos”, marcando explicitamente que aquele é um território que não pertence a ele. Ander, por sua vez, não reage, produzindo um silêncio que, sob a perspectiva do modelo de descortesia de Culpeper (1996; 2017), classifica-se entre as estratégias de descortesia como ausência de cortesia, uma vez que, em um contexto em que se esperaria uma resposta mínima, nenhuma é oferecida. Esses elementos demonstram que, embora Christian utilize estratégias para atenuar sua intromissão e ato descortês, o grupo interpreta sua entrada como invasão de um espaço já delimitado socialmente. A seguir, na Tabela 5, temos a segmentação do segundo turno para análise verbal da fala da personagem Lucrécia.

Tabela 5 - Segmentação do turno de fala de Lucrecia

Lucrecia	PT-BR	Yes. Hello! Do you speak our language?
	ES-ES	Yes. ¡Hello! Do you speak spanish?
	EN-EUA	Bonjour, parlez-vous anglais?

Fonte: elaboração dos autores

No segundo turno, observa-se um ato de descortesia positiva realizado pela personagem Lucrécia, mais especificamente um ato de dissociação. Decorrente deste ato, é criada uma distância social, física e simbólica entre os interlocutores, uma tentativa clara de Lucrécia de criar uma separação entre ela e Christian. O ato de fala é repleto de sarcasmo, por ser feita uma pergunta em outra língua, tendo o conhecimento prévio de que o interlocutor não a domina, com a intenção de ridicularizá-lo, perguntando-lhe se fala sua língua materna.

Outra função da alternância entre códigos linguísticos identificada na análise do turno de fala é a demarcação de poder, uma vez que seu uso posiciona Lucrecia como superior a Christian, tanto na interação imediata quanto no plano identitário. Sua performance linguística, caracterizada pela alternância entre duas línguas, sendo que uma delas não é dominada por Christian, contribui para a construção da imagem de uma jovem rica e bilíngue. Desse modo, o ataque à face não se restringe à ridicularização de Christian, mas também opera na atribuição de *status* sociais distintos entre ambos.

Badarneh, Al-Momani e Migdadi (2017) analisam manifestações de descortesia em situações de alternância de códigos entre o árabe e o inglês em interações conduzidas em árabe jordaniano. De acordo com os autores, o *code-switching* pode funcionar como estratégia de descortesia, sobretudo quando o inglês está associado a maior capital linguístico, circunstância semelhante à observada na cena em questão. Nesse sentido, o desempenho linguístico de Lucrecia não apenas contribui para a construção da identidade de uma “latina de classe alta”, como também evidencia um uso indexador de capital linguístico. Ao utilizar esse recurso, sua fala participa da construção e do reforço de posições de superioridade na interação.

Observa-se que na dublagem em inglês dos Estados Unidos, o trânsito entre línguas ocorre entre inglês e francês, e não entre inglês e espanhol, como seria coerente com a

personagem. Essa substituição desloca o marcador identitário da personagem presente no texto-fonte, pois, no contexto norte-americano, o francês é uma língua de prestígio associada ao maior capital linguístico, ao contrário do espanhol. Trata-se de uma estratégia de domesticação que privilegia valores culturais do contexto de chegada e produz um efeito de homogeneização identitária. Enquanto na versão em espanhol da Espanha e na dublagem em português do Brasil a identidade de Lucrecia como jovem mexicana é evidente, na dublagem em inglês ela é atenuada, aproximando-a do arquétipo de uma “garota rica bilíngue” dos Estados Unidos que fala inglês e francês.

Além disso, a dublagem elimina o contraste sociolinguístico da versão em espanhol, já que, nos Estados Unidos, o espanhol é uma língua racializada, historicamente associada a identidades latinas marcadas como “não brancas” e inferiorizadas, conforme argumentam Rosa e Flores (2017) na perspectiva raciolinguística. Ao substituir o espanhol pelo francês, percebido como língua de prestígio ligada à capital cultural e elites educadas, a tradução apaga essa dimensão racial e social, neutraliza a racialização da personagem e elimina o paradoxo central da série: uma jovem latina de classe alta que escapa aos estereótipos de pobreza associados aos latinos. Assim, a estratégia doméstica embranquece a personagem, convertendo um trânsito por duas línguas originalmente atravessado por hierarquias raciais e paradoxos sociais, especialmente na desconstrução da imagem cristalizada da latinidade na Espanha, em uma alternância marcada apenas por distinção social, e não racial. A seguir, apresentamos a Figura 3 com fotogramas do turno de Lucrecia e a análise visual com base nas convenções para a transcrição multimodal de Mondada (2018; 2022).

Figura 3 - Fotograma 2 - Turno 2 - Lucrecia



Fonte: elaboração dos autores

Português do Brasil

Yes. Hello! Do you speak our language?

05 LUC Yes(.) He↑llo: Do you speak our language

§inclina o tronco para frente em direção a CHR-----§
 §abaixa levemente a cabeça-----§
 §arregala os olhos-----§
 §afunila os lábios-----§

06 CAR %olha para LUC-----%

07 LUC \$ri\$

08 CHR *ri---*

09 GUS +olha para CHR-----+

10 CHR *olha para GUS-----*

Espanhol da Espanha

Yes. Hello! Do you speak our language?

05 LUC Yes(.) Hello: Do you speak spanish

\$inclina o tronco para frente em direção a CHR-----\$
 \$abaixa levemente a cabeça-----\$
 \$arregala os olhos-----\$
 \$afunila os lábios-----\$

06 CAR %olha para LUC-----%

07 LUC \$ri\$

08 CHR *ri---*

09 GUS +olha para CHR-----+

10 CHR *olha para GUS-----*

Inglês dos Estados Unidos

Bonjour, parlez-vous anglais?

05 LUC Bonjour: parlez-vous anglais:<<nasalização>>

\$inclina o tronco para frente em direção a CHR-----\$
 \$abaixa levemente a cabeça-----\$
 \$arregala os olhos-----\$
 \$afunila os lábios-----\$

06 CAR %olha para LUC-----%

07 LUC \$ri\$

08 CHR *ri---*

09 GUS +olha para CHR-----+

10 CHR *olha para GUS-----*

Visualmente, Lucrecia aciona um conjunto articulado de recursos corporais e faciais que constroem uma performance expressiva marcada. A leve inclinação do tronco, a elevação das sobrancelhas, o breve desvio do olhar, o arregalar dos olhos e a hiperarticulação dos lábios compõem uma sequência de gestos e microexpressões que intensificam a interação. Esses movimentos não apenas acompanham a ironia verbal, mas a corporificam, reforçando o distanciamento que a personagem estabelece em relação a

Christian.

Essas marcas visuais demonstram sua avaliação do interlocutor como inferior e tornam perceptível uma atitude de superioridade. O olhar avaliativo, o levantamento das sobrancelhas e o exagero articulatório intensificam o ato de fala sarcástico, produzindo um efeito de desdém que antecede e molda a fala. Desse modo, a descortesia no turno de Lucrecia manifesta-se de forma multimodal, já que gestos, expressões e posturas não só acompanham, mas potencializam o sarcasmo verbal e completam o efeito do ato.

4 Considerações Finais

A análise realizada aponta que a translanguagem, embora não constitua uma estratégia de descortesia em si, atua como um recurso discursivo fundamental para sua realização e intensificação, especialmente quando articulada ao sarcasmo. No caso analisado, quando se transita em duas línguas, não apenas contribui para a construção de atos descorteses, mas também desempenha um papel na indexação e na representação identitária, ao marcar distinções de classe, capital linguístico e pertencimento social. Em particular, observamos que, no turno de Lucrécia, o trânsito entre espanhol e inglês opera como mecanismo de dissociação entre interlocutores de diferentes posições sociais, funcionando como recurso de exclusão, demarcação de poder e reforço de *status*. Ao mesmo tempo, projeta uma identidade cosmopolita e socialmente privilegiada da personagem, construída não como atributo fixo, mas como performance situada neste momento específico da interação. Assim, a representação da identidade da personagem não é tomada como uma característica estável ou previamente dada, mas como um efeito discursivo e semiótico produzido na interação. Lucrécia performa uma posição de jovem rica, cosmopolita e bilíngue por meio da articulação entre fala, corpo, voz e reação dos demais personagens.

Além disso, os resultados indicam que a dimensão multimodal, envolvendo gestos, expressões faciais, prosódia, postura corporal e enquadramentos de câmera, participa na produção da descortesia. Esses fenômenos não se restringem à materialidade verbal, mas emergem da articulação entre múltiplos modos semióticos. Na cena analisada, o sarcasmo não se realiza apenas pela escolha linguística, mas também pela entonação, pela hiperarticulação, pelo olhar avaliativo, pela inclinação corporal e pelas reações dos demais personagens. Desse modo, a descortesia é produzida como prática multimodal, na qual linguagem, corpo, voz e imagem participam conjuntamente da construção de hierarquias

sociais e identitárias. Enfatizamos que, no excerto analisado, não nos interessa apenas a passagem entre códigos linguísticos delimitados, mas o modo como diferentes recursos compõem um repertório semiótico integrado.

Dessa forma, a análise buscou enfrentar a tensão conceitual entre *code-switching* e translinguagem, assumindo que a alternância entre línguas constitui a materialidade linguística observável da cena, enquanto a translinguagem orienta a interpretação analítica mais ampla, voltada ao repertório semiótico integrado e aos efeitos sociais produzidos na interação. Do mesmo modo, a noção de representação identitária foi compreendida não como uma essência da personagem, mas como um processo de indexação e performatização situado, produzido por recursos verbais, vocais, corporais, visuais e tradutórios.

No âmbito da tradução audiovisual, observa-se que as escolhas tradutórias podem reconfigurar significativamente esses efeitos discursivos e identitários. A tradução de produtos audiovisuais multilíngues envolve decisões complexas, pois a alternância entre línguas frequentemente cumpre funções narrativas, identitárias e ideológicas. No texto-fonte e na versão dublada em português do Brasil, a alternância linguística funciona como marcador de cosmopolitismo, associando Lucrécia ao *status* de uma jovem latina de classe alta e bilíngue. Em contraste, a dublagem em inglês substitui a alternância espanhol/inglês por francês/inglês, deslocando o marcador identitário originalmente presente. Essa escolha não altera apenas o código linguístico, mas também os valores sociais, raciais e culturais indexados por esse repertório.

A partir da perspectiva raciolinguística de Rosa e Flores (2017, 2021), compreendemos que língua e raça são historicamente coproduzidas, de modo que determinadas línguas, variedades e modos de falar podem ser percebidos como índices de categorias racializadas. Nesse sentido, o espanhol, no contexto estadunidense, está frequentemente associado à latinidade racializada, enquanto o francês tende a ser relacionado a prestígio, distinção cultural e cosmopolitismo. Assim, a substituição do espanhol pelo francês na dublagem em inglês pode ser interpretada como um processo de neutralização ou desracialização raciolinguística, na medida em que desloca uma língua racializada para outra socialmente associada à distinção cultural.

Essa leitura dialoga com Zavala (2023a, 2023b), para quem a desracialização não significa a eliminação da raça, mas o deslocamento desigual dos sentidos raciais atribuídos a uma língua. Em sua análise sobre o quechua, a autora mostra que uma língua

historicamente racializada pode passar a funcionar como capital cultural em determinados corpos e contextos sociais, especialmente quando articulada a discursos de multiculturalismo, mobilidade e distinção. No entanto, essa mesma língua pode continuar produzindo estigmatização quando associada a corpos racializados e subalternizados. De forma análoga, na cena analisada, o espanhol não funciona apenas como língua alternada, mas como marcador de uma identidade latina de classe alta, cuja presença tensiona estereótipos raciais e sociais. Ao ser substituído pelo francês, esse marcador é parcialmente neutralizado, aproximando Lucrécia de uma representação mais genérica de jovem rica, cosmopolita e multilíngue, na versão dos Estados Unidos.

Assim, em vez de afirmar de modo categórico que a dublagem “embranquece” a personagem, propomos compreender tal escolha como um efeito de desracialização tradutória. A dublagem em inglês atenua os marcadores latinos que participavam da construção identitária de Lucrécia no texto-fonte e desloca os sentidos sociais associados à alternância linguística. Trata-se, portanto, de uma hipótese interpretativa situada, formulada a partir de um excerto específico, que não pretende generalizar o funcionamento da série na totalidade. O objetivo foi indicar como uma escolha tradutória pontual pode deslocar indexadores raciolinguísticos relevantes para a construção identitária da personagem e para a produção de hierarquias sociais na interação audiovisual analisada.

5 Financiamento

Esta pesquisa contou com financiamento da bolsa PIBIC do CNPq.

REFERÊNCIAS

A. BADARNEH, Muhammad; AL-MOMANI, Kawakib; MIGDADI, Fathi. Performing acts of impoliteness through code-switching to English in colloquial Jordanian Arabic interactions. *Pragmatics and Society*, 2017. p. 571-600

ÉLITE. Direção: Ramón Salazar. Roteiro: Carlos Montero; Darío Madrona. Episódio 1, Temporada 1. Espanha: Zeta Ficción para Netflix, 2018. Série de TV.

CORRIUS, M., & Zabalbeascoa, P. (2019). Translating code-switching on the screen: Spanglish and L3-as-theme. *Journal of Audiovisual Translation*, 2(2), 72–91

CULPEPER, Jonathan. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*. 1996. v. 25, n. 3 p. 349-367

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness: Using language to cause offence*. Cambridge University Press, 2011.

- CULPEPER, Jonathan. Impoliteness: Questions and answers. *Aspects of linguistic impoliteness*, v. 2, 2013.
- CULPEPER, Jonathan; HARDAKER, Claire. Impoliteness. In: *The Palgrave handbook of linguistic (im) politeness*. London: Palgrave Macmillan UK, 2017. p. 199-225.
- DINIZ, Leandro Rodrigues Alves et al. Propostas para a não sloganização do conceito de translanguagem. *Leia Escola: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino-CH-UFCG.*, 2024.
- GARCÍA, Ofelia. Wei. L.(2014). *Translanguaging: Language, bilingualism, and education*. 2017.
- GUMPERZ, John J. (Ed.). *Language and social identity*. Cambridge University Press, 1982.
- HEISS, C. (2004). Dubbing multilingual films: A new challenge? *Meta*. 49, 208–220.
- LAVER, J. *Voice Quality and Indexical Information* (1968). In: LAVER, J. – *The Gift of Speech*. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp.145-161, 1991.
- MAUCHAND, Maël; VERGIS, Nikos; PELL, Marc D. Irony, Prosody, and Social Impressions of Affective Stance. *Discourse Processes*, [s.l.], v. 56, n. 5-6, p. 374-389, 2019.
- MONDADA, Lorenza. Multiple temporalities of language and body in interaction: Challenges for transcribing multimodality. *Research on language and social interaction*, v. 51, n. 1, p. 85-106, 2018.
- MONDADA, Lorenza. Appealing to the senses: Approaching, sensing, and interacting at the market's stall. *Discourse & Communication*, v. 16, n. 2, p. 160-199, 2022.
- POPLACK, Shana. *Borrowing: loanwords in the speech community and in the grammar*. New York: Oxford University Press, 2018.
- RILLIARD, Albert. 2020. *Fala e multimodalidade*. In: *Verbetes LBASS*. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/lbass>.
- ROSA, Jonathan; FLORES, Nelson. Unsettling race and language: Toward a raciolinguistic perspective. *Language in society*, v. 46, n. 5, p. 621-647, 2017.
- SEARLE, John R.; VANDERVEKEN, Daniel. Speech acts and illocutionary logic. In: *Logic, thought and action*. Dordrecht: Springer Netherlands, 2005. p. 109-132.
- WILSON, Deirdre. Irony, hyperbole, jokes and banter. In: *Formal models in the study of language: Applications in interdisciplinary contexts*. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 201-219.
- ZAVALA, Virginia. La etnografía del lenguaje desde el entramado en línea/fuera de línea: desafíos y posibilidades. *Estudios de Lingüística del Español (ELiEs)*, v. 50, n. 1, p. 34-53, 2025.